

CONSULTA TEOLÓGICA E DOUTRINAL INTER-ANGLICANA

CHAMADO À INTERDEPENDÊNCIA

PREFÁCIO

1. Em 1988 a Conferência de Lambeth tomou a resolução no sentido de que houvesse "como matéria de urgência uma pesquisa futura do sentido e da natureza da comunhão com particular referência à doutrina da Trindade, à unidade e ordem da Igreja e à unidade e comunidade da humanidade". A convite do Arcebispo de Cantuária, um grupo de líderes da Igreja e teólogos, representando amplamente a Comunhão reuniu-se em dezembro de 1991, no Seminário Teológico em Alexandria, Virginia, nos Estados Unidos, para responder à resolução acima mencionada e começar a pesquisa.

2. Encontraram-se os participantes num momento de tensão na Comunhão Anglicana. Ela abrange uma variedade crescente de culturas em que a Fé deve ser alimentada, celebrada e proclamada. Trata-se de uma forma de variedade em que percepções e necessidades parecem entrar em conflito umas com outras. Os anglicanos estão, por vezes, desconfortavelmente conscientes do desafio, mas reconhecem que nunca houve urgência maior e oportunidade tal para ouvir uns aos outros, manter-se mutuamente em oração, e explorar juntos os pressupostos tradicionais acerca de si mesmos, sua experiência, e seu senso de vocação para o futuro de Deus.

3. Na consulta no Seminário de Virginia no Advento de 1991, tentamos identificar os sinais que se encontram diante de nós, conscientes das formas com que os anglicanos leram os sinais no passado quando se empenharam para responder ao chamado de Deus. Os sinais indicam direção e, às vezes, distância. Não nos dizem com freqüência a melhor forma de viajar, a dificuldade na caminhada, o custo para alcançar o destino, a possibilidade de desvio ou dos caminhos alternativos, com efeito, com o que pareceria o destino. Também soubemos que os anglicanos não estavam sozinhos na leitura dos sinais. Hoje, outros cristãos de outras confissões lêem os mesmos sinais com interpretações diversas. A sabedoria de nossos companheiros na caminhada é importante.

4. A consulta só começou para examinar o primeiro plano de um terreno variado e emocionante e espera encontrar-se outra vez quando houver resposta a este documento preliminar. Esperamos que cada parte da família anglicana mundial discuta e analise esta reflexão em relação à sua própria vida e experiência.

5. As questões que se seguem podem ajudar a fazer a reflexão e a formular a resposta de vocês.

a) Este documento preliminar reflete a experiência e compreensão de sua Igreja?

b) Que este documento diz a vocês sobre o viver junto (interdependência) na Comunhão Anglicana?

- c) De que modo se poderia fortalecer o pertencer junto (unidade) sem sufocar a diversidade?
- d) De que forma o documento sugere que fortaleçamos a nossa missão conjunta?
- e) Que contribuição pode a Comunhão Anglicana contribuir a outros na região de vocês e que podem vocês receber de outros?
- f) Que isso significa a respeito das relações de vocês com outras religiões?

I - INTERDEPENDÊNCIA HOJE?

SITUAÇÃO E QUESTÕES

6. No coração da comunhão está a necessidade e oportunidade de interdependência. O pluralismo, diferença e mudança têm desafiado a Comunhão Anglicana de modo que alguns têm indagado se ela tem uma identidade clara, se ainda ela serve a um propósito e se ela deve continuar. Também surgem questões a respeito da autoridade. Quão diferente você pode ser e ainda pode ser um anglicano? Diferente do que? e quem decide? Existem limites? Isso importa? Acreditamos que isso importa. Cremos que vivemos num mundo que deve ser interdependente e que tenha tolerância para diferenças. Acreditamos que temos muito a ganhar para nós mesmos e como modelo para os outros buscando uma forma de aprofundar nossa interdependência na Comunhão, ao batalhar com questões decorrentes: identidade e autoridade.

7. Os desafios da interdependência não devem ser calculados irrefletidamente. A verdadeira interdependência testará a nossa complacência sobre linguagem, cultura, raça e classe. Ela nos chama para as relações diretas com outros que se diferem marcadamente. As comunidades cristãs amadurecidamente interdependentes devem sustentar uma imagem da Igreja na qual haja apreciação da importância radical da diferença, não como impedimento, mas como catalisador poderoso, que transforma a nossa percepção e compreensão do propósito de Deus pelo todo dos seres humanos.

PLURALISMO, MUDANÇA E RESISTÊNCIA

8. Por que, hoje, a interdependência, em particular, está em debate? Em toda a parte do mundo, na África, Ásia, Europa, América do Norte e no Pacífico, os padrões de autoridade herdados estão sendo questionados e há busca por uma nova identidade que honre as raízes culturais e integridade dos povos. Por mais iconoclasta e anárquica que seja o processo, ele é, geralmente, uma resposta ao mal uso da autoridade, muitas vezes, com injustiça e sofrimento, e violência à identidade tradicional tanto individual quanto social. Reconhecem-se que as formas apropriadas de autoridade são necessárias para a liberdade e coerência da sociedade. Nos contextos sociais em mudança, todavia, os padrões

de autoridade precisam de constante revisão se devem ser aceitos como legítimos entre aqueles pelos quais e para os quais são exercidos.

9. Enquanto se desdobrava este processo, houve outras mudanças igualmente perplexas. O mundo todo sentiu o impacto da filosofia, economia e tecnologia ocidentais. Em toda parte os valores tradicionais e estruturas sociais estão sob a ameaça desse impacto. A perplexidade desconhece nenhum limite cultural e político. Ao mesmo tempo, o mundo ocidental começou a questionar a própria cosmovisão do Iluminismo que tanto desintegrou os valores tradicionais e a sociedade em outros lugares. O progresso, o crescimento econômico, a economia do mercado-livre, a descoberta de toda a verdade pela ciência e a solução de todos os problemas pela tecnologia são tratados com ceticismo crescente. A cultura européia moderna tornou-se cada vez mais desarraigada e sem esperança.

10. Esta crise multi-dimensional e de escala internacional tem tido um enorme impacto na Igreja. A Igreja com freqüência tem estado ao lado do status quo que se tem demonstrado cada vez menos relevante no mundo moderno. É, particularmente, irônico que as Igrejas na África e na Ásia continuam encarnar, na sua vida comunitária, elementos culturais da Igreja colonial ocidental do século XIX. Na África do Sul e na América Latina, grandes segmentos da Igreja têm estado ao lado da reforma e mesmo até a revolução, mas não sem ambigüidade. No mundo desenvolvido, as Igrejas que foram dominadas por uma cosmovisão do Pré-Iluminismo se encontrem deslocando-se para uma visão "modernista" justo quando as culturas se deslocam para uma nova direção. Como a Comunhão Anglicana responde a essas incertezas e desafios?

11. Dentro da comunidade global o abalo dos fundamentos sociais tem produzido nostalgia por uma nova certeza. Como pessoas que sofrem o enjôo no mar, temos anseio por chão sólido, um senso de equilíbrio, um fim à indisposição.

12. Há muitos que oferecem certeza em meio ao deslocamento cultural, recursos para construir realidade que oferece clareza, certeza e uma fuga ao conflito. Este é um fenômeno de escala mundial, no qual a Igreja se situa. No mundo secular, esta resposta à angústia leva aos movimentos políticos que oferecem amparos aos "valores antigos" com movimentos religiosos que apresentam uma cosmovisão, em que todos conhecem o seu lugar e o que devem fazer. Na Igreja, os recursos de nossa história, particularmente, a Bíblia, são usados de forma que não levam em consideração o contexto em que foram escritos e os estratos ricos e diversificados de sentido que contêm. Essa abordagem, comumente denominada de fundamentalista, toma diversas formas e se associou freqüentemente com ideologias políticas e sociais reacionárias e conservadoras.

13. Pode-se falar que o mesmo acontece com o fenômeno do reavivamento religioso. O reavivamento é uma busca pelas raízes autênticas, que tenham autoridade e, no geral, que sejam, imutavelmente, seguras, sobre as quais se possa basear a renovação. Tal busca pode levar a um repúdio de todas as

autoridades ou à entrega a uma autoridade sem crítica. Muitas Igrejas experimentam um misto de ambas as tendências.

14. Em meio a esses fenômenos complexos, onde todas as identidades são ambíguas e autoridades são suspeitas, não é surpreendente que uma Igreja vigorosa e alerta reflita sobre sua identidade e questione seus padrões de autoridade.

15. A interdependência continua a ser importante como conceito e prática e não pode ser considerada à parte da autoridade e identidade. Somos desafiados a ser interdependentes em todas as questões que tocam a nossa humanidade e fé, porque compartilhamos a fé e humanidade comuns. Se somos verdadeiros para conosco mesmos e para com o Senhor, devemos tomar decisões juntos em consulta uns com os outros. A preocupação com a identidade e autoridade não é um sinal de fraqueza ou desespero com o futuro, mas uma marca de nossa determinação de sermos fiéis para com o Deus Triúno, o fundamento e padrão da Comunhão, e de continuarmos em diálogo e para a tomada de decisão comuns, em nível local, global e ecumênico.

DIFERENÇA E INTERDEPENDÊNCIA

16. Para se dirigir a estas questões, reuniram-se os membros da Consulta vindo de todas as partes do mundo. Nós, membros da Consulta, ouvimos muitos relatos de interdependência na Comunhão. Um anglicano palestino contou-nos quão isolada sua Igreja se sentiria sem as orações e visitas dos anglicanos de todas as partes do mundo. Uma mulher da Igreja do Paquistão compartilhou conosco o fortalecimento que as mulheres cristãs, marginalizadas pela lei muçulmana daquele país, que recebe solidariedade através orações e comunicação com mulheres cristãs de outras partes do mundo. Tomamos conhecimento de que a Diocese de Los Angeles recebeu muito de Hong Kong, Coréia, Oriente Médio, América Central e Caribe, África, Filipinas e de outros países quando as pessoas provenientes desses países vieram morar no sul de Califórnia. Não só a experiência de cristãos recém chegados de outras terras desafiam e enriquecem a Diocese, mas também o contato contínuo deles com seus países de origem proporciona à Diocese oportunidade para o ministério e companheirismo transcultural. O participante da África do Sul lembrou o quanto a solidariedade e apoio de comunhão significou na luta contra o apartheid.

17. As histórias de interdependência podem ser multiplicadas e não devem ser avaliadas superficialmente.. Elas acentuam os laços de afeição na Igreja, mas também nos levam, de forma muito imediata, à relação com anglicanos fiéis, que se diferem, marcadamente, de nós e de uns com os outros, em experiência e necessidade. Na Igreja somos chamados a uma reconsideração e apreciação radicais da pluralidade e diferença. O pluralismo é catalisador que nos leva a uma maravilha e entendimento superiores da visão de Deus para com a humanidade. Pois a diferença é um dádiva para o nosso gozo e crescimento na comunhão da Igreja.

18. Por todo o mundo as Igrejas da Comunhão Anglicana, em sua luta para serem fiéis ao Evangelho, em variados contextos culturais, enfrentam exigências

morais, doutrinários, sociais e econômicas que desafiam sua identidade como comunidade cristã e exigem resposta que tenha autoridade. Algumas das questões dolorosamente mais divergentes na Comunhão Anglicana referem-se à sexualidade humana, à família e à posição da mulher. Todavia, essas questões são compreendidas num quadro mais amplo que inclui justiça, direitos humanos, igualdade racial, liberdade religiosa e o uso de recursos. Elas são, por sua vez, compreendidas e abordadas diferentemente através da Comunhão. Essas questões tornam-se ainda mais complicadas por causa das diferenças na interpretação da Bíblia, no exercício do poder na Igreja, nas relações entre a Igreja e o Estado bem como por causa das diferenças em nossas relações com os colegas ecumênicos e do inter-religioso.

19. No Brasil, por exemplo, a Igreja se depara com a ambigüidade da celebração dos 500 anos de uma cultura cristã, principalmente, identificada com a opressão, exploração e mesmo com o genocídio dos povos nativos. Contra esse pano de fundo a inter-relação da Igreja com a cultura é muito complexa. Deve ser considerada acomodação ao paganismo ou transformação de outras culturas religiosas em Cristo a incorporação dos elementos religiosos africanos cristãos, por exemplo, na adoração cristã? Qual é o papel da Igreja numa sociedade que afirmou a igualdade da mulher, mas onde as mulheres são incapazes de ganhar a igualdade na remuneração, dignidade e proteção?

20. No Paquistão, onde o islamismo é dominante, as mulheres não são consideradas iguais perante à lei e a Igreja está sob a pressão para consentir, ou, no mínimo, para se calar face à opressão. Na Eucaristia, por costume, os homens recebem a comunhão primeiro, então, a mulher. Por vezes, os cristãos usam os recursos da tradição cristã para justificar a desigualdade vigente. Muitos homens cristãos tornam-se muçulmanos para aproveitar da lei islâmica, que os autoriza a ter mais do que uma esposa. Há uma influência muito difundida difícil de resistir, que dificulta à Igreja levantar a voz profética a respeito das questões dos direitos humano e da exploração sexual da mulher.

21. Na sociedade britânica tradicionalmente patriarcal tem havido uma variedade de movimentos da mulher com a melhoria gradual da condição e do papel da mulher na sociedade secular. A Igreja tem sido mais conservadora em muitas áreas de sua vida. As mulheres têm sido ordenadas ao diaconato e a Igreja da Inglaterra deve tomar decisão, no próximo ano, a respeito da ordenação da mulher ao presbiterado. Iniciou-se, também, a conversação sobre a orientação sexual, que se provou ser polêmica e pode semear dissensão.

22. A Igreja Episcopal nos Estados Unidos ordena as mulheres a todas as três Ordens do Ministério. Há, todavia, uma contínua luta para elevar a percentagem das mulheres à posição de liderança tanto na ordem clerical quanto na ordem leiga.

23. A Igreja americana identifica o racismo como sua segunda questão importante. Embora esteja defendida na lei a igualdade racial, de fato, muito da discriminação racial continua na Igreja, particularmente, na forma de racismo institucional, que oculta atitudes racistas e suas conseqüências, no processo legítimo de mandato e administração, em nível nacional, diocesano e local.

24. Todavia, a sexualidade e a família constituem a ameaça mais séria para a unidade e identidade da Igreja Episcopal, em suas relações com outras Igrejas da Comunhão,. A despeito da resolução da Convenção Geral de que é inadequada a ordenação de gente homossexual ativa sexualmente, essa questão e a reavaliação teológica da homossexualidade causaram divisão na Câmara dos Bispos e enfraqueceu a compreensão da colegialidade. Também é premente a mudança na compreensão da vida familiar devido, por exemplo, ao aumento de divórcios, à formação de família de só de mãe ou só de pai por causa do divórcio, à adoção de crianças, à inseminação artificial, à adoção pelos casais homossexuais e a uma variedade mista de outros relacionamentos.

25. Também, na África do Sul, as questões de sexualidade e família são importantes. Em algumas partes da Igreja do Sul da África, as tentativas, por exemplo, de melhorar o papel e status das mulheres são rejeitadas como importações da cultura ocidental. Assim, a discriminação contra a mulher continua. Relacionado com essa questão e, em oposição à cultura polígama, o casamento cristão monogâmico não recebe aceitação universal, mesmo no contexto da Igreja. A autoridade da cultura é usada para lograr a disciplina do casamento cristão.

26. Para a Igreja na África do Sul, uma outra questão de importância surge da luta da maioria para participar do poder político com a minoria que o tem exercido virtualmente sozinha por muitas gerações. O movimento por uma sociedade mais democrática na África do Sul levanta questões a respeito da maneira com que o poder e autoridade são exercidos dentro da Igreja e como a Igreja se relaciona com o poder civil.

27. Estes exemplos do Brasil, Grã-Bretanha, Paquistão, África do Sul e Estados Unidos ilustram como a vida e identidade da Igreja são desafiadas, em cada localidade e como uma comunhão global de Igrejas, pela diversidade de contextos em que vivem os cristãos. Todavia, estas questões complexas tornam-se mais urgentes e perplexas, por causa do desenvolvimento revolucionário na comunicação tecnológica. A ação de uma parte da Comunhão Anglicana é rapidamente observada em qualquer lugar, encorajando resposta imediata. Todavia, a comunicação eletrônica é uma benção e, também, maldição. Por mais que o empreendimento seja bem conceituado e que a informação seja completa, essa comunicação é, raras vezes, suficientemente, compreensiva para fazer o juízo que a tecnologia convida.

CONTEXTO MAIS AMPLO

28. A vida de interdependência na Comunhão Anglicana não pode ser separada de nossa comunhão mais ampla dentro da comunidade ecumênica. Na Reforma, a Igreja da Inglaterra considerou-se a si mesma como a continuidade da Igreja Católica na Inglaterra, embora reformada em muitos aspectos. Ela continuou manter relacionamento com outras Igrejas, mas, de modo algum, com todas as Igrejas da Reforma na Alemanha. Os relatórios sucessivos das Conferências de Lambeth demonstram uma teia impressionante e complexa de

relações ecumênicas com um grau de sucesso na comunhão mais íntima com outras Igrejas, mais notavelmente, com as Igrejas Unidas da Índia e Paquistão. Os diálogos internacionais bilaterais e multilaterais estabeleceram, desde 1970, o consenso e convergências em matérias de fé, sacramentos, ministério, estruturas eclesiais da tomada de decisão e do ensino oficial bem como da relação entre a unidade da Igreja e a unidade da comunidade humana. Em tudo isto, tem surgido um quadro da interdependência dentro da comunidade cristã em nível mundial, e, por certo, da família humana.

29. Os debates ecumênicos têm revelado que qualquer Igreja está sujeita ao desenvolvimento a um nível ou outro. A nossa compreensão anglicana aprofundada da interdependência se enriquece e se alarga tanto na familiaridade com os desenvolvimentos em outras Comunhões e como também na interdependência crescente com essas Comunhões. Portanto, não é mais suficiente para o desenvolvimento da interdependência anglicana sem referência à comunhão mais ampla das Igrejas.

30. Por meio da adoração e estudos bíblicos em grupos, recreação e diálogo, os membros da Consulta tornaram-se rapidamente uma comunidade humana, na qual houve sensibilidade, consideração e apoio mútuos, e as intelectuais acentuadas bem como convergências e divergências teológicas, éticas e pastorais foram possíveis sem destruir a comunidade. Sabíamos em nosso microcosmo que estaríamos delineando o que esperamos ser, o que a Comunhão Anglicana deve ser.

II. OS LAÇOS DE INTERDEPENDÊNCIA HOJE

O Deus em quem vivemos

31. Deus oferece a todos os que Ele criou o dom do mistério da vida divina. Todos são convidados a participar da vida interior da comunhão do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Por meio da vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo, a plenitude da comunhão será perfeitamente realizada só no Reino de Deus quando todas as coisas serão sujeitas a Cristo e, Nele, ao Pai de forma que Deus seja tudo em todos.

32. A Igreja é aquela parte do mundo que já se encontra aberta para acolher o amor de Deus e para ser envolvida na órbita da própria vida de Deus. Dessa forma a Igreja é o "mundo adiante de si mesmo" e é chamada para ser um sinal eficaz e instrumento para o mundo. Assim, a Igreja está dirigida para o Reino e chamado a servir o mundo.

33. No Batismo, os cristãos morrem com Cristo e ressuscitam para uma nova vida Nele pelo poder do Espírito Santo. Por conseguinte, eles estão unidos com Deus e a Santíssima Trindade e são levados à relação de comunhão com todos os batizados pelos séculos e por todo o mundo.

34. A comunhão (koinonia) que os anglicanos compartilham dentro do Corpo de Cristo é alimentada pelos laços dinâmicos e inter-relacionados, que mudam e se desenvolvem, mas que têm mantido juntas diversas culturas e

teologias dentro de uma vida coerente e interdependente. Esses laços não representam características ímpares dos anglicanos, mas, porque alimentam o mistério da comunhão da Igreja, devem ser considerados antecipação dos laços que caracterizam uma Igreja verdadeiramente universal.

A vida comum de adoração

35. Os cristãos são chamados a fazer do todo da vida pessoal e social um movimento de adoração. É característico da identidade anglicana e fundamental à mesma a tentativa de fundamentar essa vocação numa vida litúrgica comum de oração e louvor enraizada na Escritura e entrelaçada com os ritmos da vida e popularmente acessível. A tradição do Livro de Oração Comum e o Ordinal têm formado a fé, a devoção e a ordem da Igreja. Por meio delas os anglicanos têm tido a experiência de participação numa única família e têm desenvolvido uma forma característica de transmitir a fé que a Igreja professa e a vive. Todavia, os anglicanos não tiveram um só Livro de Oração Comum desde 1636, e, desde então, a mudança e a proliferação de Livros de Oração Comum têm sido cada vez mais rápidas. Na retaguarda dessas mudanças continuam existir, todavia, um padrão e princípio de liturgia. Por meio de pesquisas de modelos de liturgia primitiva com os peritos de outras tradições cristãs, os anglicanos desenvolveram novas formas de expressão, símbolos e imagística que, se relacionam mais apropriadamente com o ordenamento de suas respectivas sociedades do que as liturgias herdadas da Inglaterra do século XVII. O efeito desta atividade sobre a vida de toda a Comunhão não é ainda plenamente compreendido. Porém assim como uma boa liturgia olha para o seu passado e para o seu futuro, também as tradições litúrgicas como um todo tenha um senso de seu enraizamento no passado bem como o senso de novas direções para o futuro.

MISSÃO COMPARTILHADA

36. Embora tenha crescido, primeiro, naquelas localidades onde o Império britânico preparou o terreno, Comunhão Anglicana avançou, também, além do Império, em obediência ao mandato para ir ao mundo todo e pregar o Evangelho. O trabalho começou com a Igreja da Inglaterra por meio de suas capelanias além mar e pelas sociedades missionárias e, logo, foi assumido por outras Igrejas da Comunhão. A ênfase na expansão da fé para os não-cristãos foi deslocada vagarosamente, na prática e na reflexão teológica, para a recuperação da perspectiva bíblica da missão, para uma visão como dom total e abrangente de Deus na cura e na libertação de toda a Criação. Esta visão mais inclusiva subjaz na declaração da Conferência de Lambeth de 1920: "visamos extensão não da Igreja Anglicana com suas características especiais, mas da Igreja Santa Católica em seus elementos essenciais, que cada uma das novas Igrejas possa, na medida que cresce, expressar sob características próprias". A missão não é tanto alguma coisa que a Igreja faz. A missão pertence a Una, Santa, Católica e Apostólica em que cada batizado tem sua parte.

37. O desenvolvimento da teologia da missão e a vocação das Igrejas da Comunhão para a participação mútua em suas tarefas encontrou outra expressão importante no documento de 1963, Responsabilidade Mútua e Interdependência no Corpo de Cristo, que deu nascimento ao movimento de Companheiros de

missão, em 1973. Por meio desse movimento e da reflexão sobre sua eficácia e de outras formas formais e informais de relacionamento mútuo, as Igrejas da Comunhão aprofundam sua participação mútua na missão de Cristo. A última Conferência de Lambeth afirmou que a missão da Igreja consiste em:

1. proclamar as Boas Novas do Reino,
2. ensinar, batizar e alimentar novos crentes,
3. responder à necessidade humana com serviço de amor,
4. procurar transformar as estruturas injustas da sociedade

Apelo à Escritura, Tradição e Razão

38. O apelo à Escritura, tradição e razão tem sido a forma caracteristicamente anglicana de viver a fé, em continuidade fiel com o ensino e testemunho da comunidade apostólica nos contextos históricos e culturais em mudança. A Escritura tem seu lugar especial e a tradição é uma forma de falar na revelação da Escritura dentro da vida inteira da Igreja como ela é expressa nos Credos católicos, no ensino dogmático, na adoração litúrgica, na disciplina canônica e vida espiritual. Todo esse conjunto manifesta a ação do Espírito Santo na vida indivisível da Igreja. Ao procurar a orientação em matéria de fé e vida, o método anglicano olha para a Escritura, à luz da tradição, recorrendo à experiência e razão para descobrir e rearticular a disposição da Igreja acerca de sua Fé. Os leigos e os ministros ordenados têm papéis distintos a desempenhar nesse processo. Há reticência própria para as definições muito precisas dos mistérios da salvação.

Comunhão no Batismo, Eucaristia e Ministério

39. Os anglicanos estão vinculados numa comunhão sacramental fundamentada no Batismo e alimentado pela Eucaristia. O Batismo inicia nossa participação na obra redentora de Cristo e a comunhão eucarística significa a nossa participação contínua nesses eventos da redenção. Por meio do Batismo, os anglicanos compartilham com outros cristãos a sua condição de ser membro num só Corpo de Cristo, que desafia a necessidade de uma identidade especificamente anglicana. Esse desafio é aprofundado com a hospitalidade eucarística mútua, que muitos anglicanos oferecem e recebem como um sinal de cura, de reconciliação e de crescimento da unidade entre cristãos separados e como um penhor de totalidade maior no futuro.

40. A Comunhão Anglicana é unida também por um ministério tríplice contínuo, que tem uma responsabilidade particular para alimentar e focalizar a sua unidade. As Igrejas ou Províncias em comunhão umas com outras não só reconhecem o ministério de cada uma delas, mas também aceitam o intercâmbios dos ministros entre as Províncias. A negação desse reconhecimento e do intercâmbio dos ministros, seja qual for a razão, restringe a comunhão e deve ser assunto de um diálogo urgente. A unidade futura da Comunhão dependerá de como os anglicanos tratarão de tais questões com sucesso e como chegarão às posições mutuamente aceitáveis.

Comunhão Conciliar

41. As Igrejas da Comunhão Anglicana identificam-se como aquelas que se encontram em comunhão com a Sé de Cantuária. O Arcebispo de Cantuária goza da primazia de honra entre os bispos da Comunhão, mas não de jurisdição. Seu papel não consiste do comando, mas de reunião. Têm-se desenvolvido em torno deste foco três instrumentos de unidade e de consulta. Estes são: a Conferência de Lambeth (bispos), existente desde 1867, o Conselho Consultivo Anglicano criado pela Conferência de Lambeth de 1968, e o Encontro de Primazes, sugerido em 1978.

42. O papel do Arcebispo de Cantuária tem sido afirmado pelas sucessivas Conferências sem ser plenamente definido. Além disso, o papel e a membresia dos três órgãos de consulta, que, com o Arcebispo de Cantuária constituem quatro instrumentos de unidade, continuam ser definidos pela experiência e reflexão na vida da Comunhão Anglicana. Todavia, todos esses quatro instrumentos são meios eficazes de manter as Províncias em contato umas com outras e conservar os anglicanos unidos. Nesses instrumentos consultivos vemos a natureza conciliar dos anglicanos, uma característica menos reconhecida, porém feições mais características. Todos esses três organismos consultivos marcam momentos significativos no discernimento da mente da Comunhão.

43. A participação dos colegas ecumênicos tornou-se parte vital de toda a discussão anglicana e sua tomada de decisão. Isto vale também para os organismos inter-anglicanos e constitui uma prática crescente em todas as Províncias da Comunhão.

44. Estes são os laços que unem a Comunhão Anglicana. Não são lineares, nem cumulativos. Não representam uma lista da qual um deles possa ser subtraído sem diminuir outros, nem com a adição deles faz uma goma que cria a presença da Igreja, que Deus deseja. Os vínculos são necessários, mas como instrumentos para a promoção da comunhão pessoal e social e não como fins em si mesmos. A dimensão pessoal e social tem sempre prioridade, pois a vida da Igreja está fundada na vida pessoal e social do Deus Triúno. A verdadeira comunhão floresce do discipulado de serviço, oração, testemunho, compromisso com a missão numa vida de generosidade, auto-sacrifício, submissão mútua em amor, reconhecimento de fracasso e arrependimento. A unidade e comunhão que procuramos existem. "Pois é Deus, o qual é perfeição da unidade, um só Pai, um só Senhor, um só Espírito, que concede vida a um só Corpo. Também existe um só Corpo. Não é necessário que esse Corpo seja feito ou refeito, mas é preciso que se torne orgânico e visível". Os vínculos e os instrumentos da comunhão propiciam uma moldura para manter juntos tudo que pertence à participação autêntica na vida e amor do Deus Pai, Filho e Espírito Santo, Criador, Redentor e Santificador.

III. REVITALIZANDO A INTERDEPENDÊNCIA

45. Adoramos um só Deus em três pessoas, Pai, Filho e Espírito Santo. cremos num só Deus, cuja vida é revelada como Aquele que permite e capacita a dispersão e partilha do poder e autoridade dentro de si mesma como Pai, Filho e Espírito Santo, na qual são mantidas juntas a unidade e diversidade, união e comunhão, semelhança e diferença. Além disso, no mistério da vida divina como foi revelado a nós em Jesus Cristo, a unidade e diversidade são compartilhadas em relações pessoais e dinâmicas. A relação faz parte constitutiva do ser de Deus e não como constituição lógica, causal e estática, mas pessoal, dinâmica, implicando na liberdade e mudança. O tema tradicional trinitário da habitação mútua das três pessoas divinas (perichoresis) aponta para esta pluralidade dinâmica em unidade.

46. A doutrina da Trindade é o recurso mais poderoso à disposição da Igreja na medida em que ela procura revitalizar sua interdependência. A nível mais simples, somos capazes de afirmar a unidade e diversidade dinâmicas na Criação e na vida do povo de Deus, porque a vida de Deus mantém, em si mesmo, juntos a unidade e diversidade, união e comunhão, semelhança e diferença. Todavia, existem outros dois pontos significativos para a nossa discussão.

47. Primeiro, a doutrina do monoteísmo, que está no coração da teologia trinitária, afirma que o Criador do mundo é também o seu Redentor, e que o Deus que trouxe o mundo à realidade conduzirá, finalmente, à plena justiça e paz. Esta é uma doutrina polêmica, que milita contra todas as formas de dualismo que atribui uma força anti-Deus ao poder do mal no mundo e contra um paganismo que deifica a beleza do mundo em suas forças naturais. O monoteísmo trinitário recusou a abandonar o mundo ao domínio do mal ou revesti-lo com glória divina. O mesmo monoteísmo fala de um Deus, que governa o mundo como um Criador, cuja sabedoria de amor venceu, em Cristo, o mal e em cuja vitória será realizada a liberdade de todas as criaturas. O monoteísmo oferece a todo o povo de Deus a esperança de que Deus será tudo em todos e que o corpo quebrado, e fraturado da criação será curado pela participação no corpo partido de Cristo. O monoteísmo encoraja-nos a olhar para o futuro de Deus, a trabalhar e planejar, à luz dessa perspectiva.

48. Segundo, a forma trinitária do monoteísmo cristão proporciona, portanto, uma estabilidade que, de outra forma, não teria. Por si mesmo, a afirmação de que há um só Deus tem tido sempre uma dificuldade em entrar em acordo com o mal. A tendência é sempre superestimá-lo ou subestimá-lo. Mas quando colocamos a cruz e a ressurreição de Jesus Cristo, no centro de nossa compreensão de Deus, proclamamos que o Deus, que criou o mundo, travou a plena luta com o mal e o derrotou, de forma que o mundo nasceu de novo, na ressurreição de Jesus. Quando insistimos que o Deus que fez o mundo é também o Deus, que, hoje, sopra a nova vida ao mundo, pelo Espírito, afirmamos a relação muito estreita entre o Criador e a Criação e a esperança de que todos os cristãos acalentam a libertação de toda a criação...do jugo da decadência para participar da gloriosa liberdade dos filhos de Deus.

49. Portanto, à luz deste monoteísmo trinitário, firmado na Escritura e afirmado na teologia anglicana, encontramos a fonte principal para fortalecer e

enaltecer a nossa interdependência. Quando adoramos este Deus, somos capazes de abraçar a nossa rica diversidade não como fardo, mas como dom, sabendo que tais coisas que surgem de nosso orgulho, ao invés de nossa chamada, não terão valor algum, em última instância. Somos encorajados a ser humildes e esperançosos, na medida em que fortalecemos a interdependência. Humildes, porque somos livres para reconhecer as falhas e visão limitada bem como a possibilidade de nova aprendizagem com os outros. Somos esperançosos, porque vivemos em Jesus Cristo, o mesmo ontem, hoje e para sempre, o qual orou para que o seu povo seja um. A interdependência que buscamos na Comunhão Anglicana deve ser um sinal daquela interdependência a ser consumada, o Cristo e o seu povo, unidos em sua rica diversidade assim como Cristo e o Espírito Santo estão unidos na rica diversidade com o Pai

A Experiência Diária de Adoração

50. No parágrafo 14, observamos a centralidade da adoração na identidade e prática anglicanas. Na adoração cheia de alegria, particularmente, na Eucaristia, procuramos colocar em imagem, palavras, musica, e ato simbólico, a realidade que chegamos a conhecer por meio de nossa experiência presente e da experiência de nossos antepassados. Nos elementos do pão e do vinho, "os quais a terra dá e as mãos humanas fizeram", em nossa participação da refeição comum, representamos a interdependência dos seres humanos e de toda a criação com Deus e entre si.

51. A beleza, dignidade e ordem da adoração prefiguram, também, por mais sombria que seja, a glória que Deus deseja a toda a Criação. Vemos a liberdade e a justiça de Deus em meio à opressão e desigualdade do presente tempo e a luz e amor de Deus em meio à ignorância, ódio e medo do mundo. Somos chamados a viver à luz do tempo final, quando o poder do serviço de Deus será a norma pela qual toda a sociedade será julgada. A adoração eucarística nos traz a imagem do padrão de Deus, quando o povo cristão se reúne à Mesa do Senhor em dignidade igual. Ela nos encoraja e nos convida a arrepende-nos e a sermos transformados na realidade que celebramos e a agir como agentes do Espírito transformador na cura de um mundo esfacelado.

A Visão do Reino

52. A fé cristã entende que toda a Criação é domínio de Deus. A profunda interdependência dentro da natureza e da história, da criação como a relação de seres humanos, macho e fêmea é percebida como uma imagem e reflexão da vida do Deus Triúno, mesmo no mundo decaído. Dentro da Criação, Deus chama toda a Criação, abraçando essa mesma Criação, e por meio da obra reconciliadora e redentora de Cristo, e do poder capacitador do Espírito Santo, para participar na vida divina e para expor a mutualidade de Deus e Seu amor nas relações humanas de amor e justiça.

53. O mundo é chamado para o futuro, que é a demonstração da glória do Deus Triúno. A Igreja dá o testemunho desse horizonte de esperança. Por essa

mesma visão a Igreja é chamada a desafiar as estruturas do mundo e renovar sua própria vida.

54. Portanto, a missão da Igreja é "preparar o caminho do Senhor" para ser um sinal e instrumento, testemunha do domínio divino vindouro da justiça, paz e mutualidade. A identidade e autoridade da Igreja existem para apontar para o Reino e não para a sua própria causa. A Igreja é um instrumento do Reino de Deus e deve ser sempre situada dentro desse horizonte de advento. A moldura fundamental para a identidade e autoridade cristãs é o domínio de Deus revelado e estabelecido em Jesus Cristo em ação no presente tempo pelo poder do Espírito Santo, pressionando os eventos da história para o domínio futuro da justiça e amor de Deus. A Igreja não está no seu tempo próprio, mas no tempo de Deus entre a primeira e segunda vinda do Senhor.

Apropriando a Bíblia, Tradição e Razão

55. O apelo caracteristicamente anglicano para a Escritura, tradição e razão incluiu sempre um lugar para a experiência. É uma ação recíproca da Escritura, tradição, razão e experiência em que, sob a orientação do Espírito Santo, a verdade cristã é percebida de novo. Às vezes, a Escritura confirma a experiência vivida e diz o sim para o que é novo. Igualmente, pode ela julgar e condenar a experiência dizendo o não para um desenvolvimento particular ou mudança.

56. Nos últimos 30 anos ou mais os movimentos de libertação, inclusive o movimento feminista, têm produzido um discernimento penetrante que levaram e continuam levar a uma nova interpretação da Escritura e da tradição viva da Igreja. As teologias de libertação abraçam uma cosmovisão que pressupõe justiça e o senso do todo para ambos os homens e as mulheres e a libertação de todos os seres humanos das normas sociais opressivas. Isto tem levado a questionar, por exemplo, a respeito da natureza da koinonia em que as diferenças baseadas na raça, no sexo, na classe são permitidas a ponto de se tornarem causa da divisão ou marginalização. Tais divisões têm efeito sobre a forma com que a Igreja expressa sua fé, celebra os sacramentos, estrutura o seu ministério e exerce a autoridade. Aparecem inevitavelmente as tensões, quando a experiência dos movimentos de libertação é trazida à interpretação da Escritura e da tradição. Tal caso está nitidamente focalizado na Comunhão, hoje em dia, na questão da ordenação das mulheres ao tríplice ministério. Para alguns a Escritura e a tradição parecem negar a experiência daqueles que percebem que a Igreja está sendo conduzida pelo Espírito a alterar a prática tradicional da Igreja. Para outros, o testemunho até aqui silencioso da Escritura e da tradição é percebido como afirmação da experiência.

57. O desafio para a Comunhão consiste em encorajar o uso da experiência na sua tarefa teológica. O fato de que a Comunhão Anglicana é uma Comunhão em nível mundial significa que somos abençoados com uma comunidade de interpretação que pode aplicar para a Escritura e tradição a experiência de uma comunidade diversa e inclusiva. Longe de minar a nossa vida como uma Comunhão, possuímos riquezas de percepção para serem compartilhadas no processo da interpretação da Bíblia e tradição sob a orientação do Espírito Santo.

Reflexões sobre participação mútua na Missão

58. A nossa interdependência como Igrejas da Comunhão Anglicana deve ajudar-nos a ser constante e crescentemente fiéis para com a missão de Cristo. Assim como a vida trina eterna de Deus se move para a unidade e ainda sai para o trabalho de criação, reconciliação e redenção, também a Igreja é uma comunidade reunida para a adoração e comunhão e dispersa para o serviço e missão. O movimento divino do Pai por meio do Filho, no Espírito Santo é o movimento externo para a complexidade e diversidade. Há, também, um movimento de retorno para o Pai, pelo Filho, no Espírito Santo, movimento para a unidade. A Igreja vive sua vida nas tensões desse movimento duplo.

59. Primeiro, a Igreja é uma comunhão (koinonia) com estruturas e dinâmicas para reforçar sua coerência e unidade. O conteúdo e propósito da comunhão é definido por Cristo e sua obra salvadora. Somos chamados a participar nessa obra como um Corpo, e admitidos mediante o Batismo e alimentados na celebração da Eucaristia, nela tendo a nossa expressão. Os que pertencem à comunhão partilham a interdependência, como na Criação Deus fez homem e mulher interdependentes. A unidade e diversidade do Deus Triúno é colocado em imagem pela unidade das diversidades no Corpo de Cristo. A comunidade cristã deve enaltecer a realidade da interdependência pela forma com que se dedica aos desafios pela unidade em meio à vida comum. Os membros da comunhão participam nas alegrias e nas tristezas de uns e de outros (Hb 10.33; 2Co 1.6-7), servem uns aos outros em amor e têm participação mútua para ir ao encontro das necessidades uns dos outros e da comunidade como um todo.

60. O movimento para a unidade expressa pela comunhão (koinonia) é complementado pelos temas da missão ao mundo todo como Criador, Reconciliador e Redentor.

Fazendo os Concílios Servirem o Evangelho

61. A Igreja é obrigada a examinar criticamente o uso do poder no interior de suas próprias estruturas e na sociedade, da qual faz parte, devido à sua identidade expressa na comunhão e missão, a qual é concedida por Deus. O poder que a Igreja recebeu é o poder do Filho, que se esvaziou para ser Servo, o qual veio não para ser servido, mas para servir. O poder divino é para o serviço de amor e capacitação (auctoritas), ao invés de domínio (imperium). Este padrão é tanto a norma como o alvo. A este alvo que a Igreja é chamada e por essa norma o exercício do poder deve ser medido, tanto na Igreja quanto fora dela.

62. Contudo, quais são os modelos que surgem? Até que ponto a Igreja assumiu os modelos de poder, que são, culturalmente, determinados, ao invés de culturalmente críticos? Richard Hooker observou que a Igreja é uma sociedade e também uma sociedade supernatural. Na medida em que ela busca seguir a Jesus, a Igreja encontra até dentro de si mesma todas as dinâmicas do poder comum à sociedade humana, o poder de designação ou do ofício por eleição, da competência profissional, da posição social, da riqueza e do poder dos dons

espirituais. Como nas sociedades humanas, pode haver, na Igreja, desigualdades na distribuição do poder, e até mesmo pode haver opressores e oprimidos.

63. Isto não deve escandalizar os cristãos, mas não pode ser colocado de lado superficialmente. Devido ao fato de que o Deus Triúno é o padrão de sua vida, a Igreja tem em si mesma recursos para medir seu exercício de poder pelo padrão do Filho eterno, que se esvaziou para ser servo. O seu auto-exame vigilante acordar para as formas sutis pelas quais a profissão da liderança de serviço pode ser usada para mascarar o exercício do poder pessoal, embora professe a impotência ou uma forma de se apoderar irresponsavelmente do poder atrás da proteção das comissões, nas quais a crítica eficaz se dissipa. Ela tem em si mesma para examinar sua atitude para com os movimentos dos direitos humanos, com as mulheres e com os grupos minoritários, que se sentem desumanizados por exclusão. Em muitos lugares, a isenção da Igreja dos direitos humanos, civis e de emprego baseada nas bases teológicas defensáveis ou é uma defesa do poder que não reflete o modelo de Cristo? Por que a Igreja no mundo desenvolvido do Norte é considerada mal empregador? Junto com essas questões, que podem ser aplicadas, principalmente, às áreas do mundo em que as Igrejas se relacionaram com o governo, com outras instituições sociais como parte do estabelecimentos da riqueza e do poder, devemos, também, perguntar como as Igrejas que não têm sido parte dos estabelecimentos do poder exerceram a liderança do servo e relacionaram-se com outras instituições sociais.

64. Facilmente se abusa do poder. A motivação humana em procurar e exercer o poder na sociedade e na Igreja é complexa e ambígua. A estrutura da Igreja será imagem do poder de Deus feita vulnerável em Jesus Cristo só na medida em que ela é transparente no reconhecimento do poder na sua mão e na sua abertura à crítica e correção por aqueles cuja vida ela toca.

65. Se a Igreja é uma sociedade íntegra que procura, no exercício do poder de serviço, na adoração jubilosa, por em imagem o ser e atividade de Deus em comunhão e missão, deve haver espaço adequado para a recepção e formação do consenso dos fiéis. O processo de recepção ou a formação *do consensus fidelium*, é uma parte integral do *ethos* da comunidade cristã. Leva-se tempo para que os líderes, teólogos e todos os fiéis alcancem uma mente comum, mesmo dentro de uma Igreja da Comunhão. Levar-se-á ainda mais tempo para toda a Comunhão Anglicana refletir sobre as iniciativas numa ou mais partes da Comunhão, comunicar-se umas com outras e alcançar o consenso. Na medida em que for percebida que uma questão toca mais profundamente o coração do mistério cristão da fé, da missão ou do ministério, o processo será mais longo e mais doloroso.

Além disso, a prescrição do tempo não é suficiente. Se a autoridade consiste em capacitar e alimentar, deve haver um esforço consciente para manter a comunicação e diálogo na forma que se afirmem a integridade e fidelidade dos membros da família, de modo que Deus chame a Igreja para as novas realidades e os membros da Igreja sejam capazes de amadurecer-se como um sinal e instrumento do domínio do amor e justiça de Deus.

IV. POR UMA INTERDEPENDÊNCIA MAIS PLENA

66. Como pareceria a interdependência? Apesar de muitas palavras, temos de explorar ainda suas bases teológicas e implicações práticas e produzir uma clara exposição. Esta é uma tarefa urgente, na qual há elementos, que exigem atenção especial.

Usando a Bíblia Juntos

67. O primeiro desses elementos é o uso da Bíblia. Hoje estamos conscientes de que o problema de como ler as Escrituras é tão complexo quanto à cultura e história das quais somos produtos. Sempre as Escrituras foram lidas sob variedade de formas competitivas, por mais sofisticadas que fossem as tentativas de harmonizá-las. Entre elas está a abordagem crítica, que não é um fenômeno moderno, embora a informação erudita moderna a respeito do antecedente cultural, de como os textos antigos são escritos, editados, de como as palavras mudam através da história e de cultura para cultura tenha profundamente influenciado a abordagem crítica aos nossos textos antigos. A consciência popular das possibilidades múltiplas de interpretação bíblica é mais recente. A leitura crítica remonta, no máximo, à invenção da imprensa e ao seu uso difundido, mas de modo mais dramático com a educação universal e revolução na comunicação. Todavia, os textos sagrados têm sido usados, por sua vez, para embasar e justificar posições teológicas contenciosas, divisionistas e exclusivistas como se fossem o sentido único e óbvio da leitura e sem referência a esta história da interpretação ou contribuições modernas.

68. Continuamos como anglicanos a ler a Bíblia, principalmente, no contexto litúrgico de oração e louvor. Aqui reconhecemos que a Escritura não é simplesmente uma miscelânea de informação teológica, religiosa e moral para minerar conforme ao gosto e à necessidade urgente. É lida em sua plenitude e reconhecemos que a Escritura é a narração da história de nossos ancestrais da fé, da ação de Deus e resposta humana.

69. Todavia, esta declaração básica exige elaboração cuidadosa. Como este reconhecimento profundo da natureza da Escritura se traduz em nosso tratamento uns dos outros e em nossa articulação da fé? Neste ponto, sugerimos que o fortalecimento de nossa interdependência como uma Comunhão deve manifestar-se. Se há alguns, por exemplo, que consideram a abordagem crítica da Bíblia uma ameaça à fé, existem outros anglicanos, cuja leitura da Bíblia dessa forma crítica os têm capacitado a inverter as leituras acríticas, que têm sido usadas como instrumentos de uma ideologia opressiva. A interdependência nos permite a ouvir a leitura de uns e de outros e criticar a nossa própria leitura e de cada um, quando praticamos a interdependência.

70. Se sabemos que a Escritura é a narração da história de Deus e do mundo, fica também evidente que é incompleta. Conhecemos o padrão e o clímax da história, e recebemos, em imagens dramáticas, um quadro de seu alvo. Aprofundamos o nosso conhecimento e nossa participação na ação salvadora de Deus, por meio da leitura das Escrituras, particularmente, no seu contexto

litúrgico. Porém a participação significa que a nossa tarefa é navegar as águas desconhecidas, entre a determinação do curso e a chegada ao porto. E isso requer um olho no mapa, que registra a experiência dos que já foram, mas com firme respeito para com a nossa presente observação e experiência pelas quais o Espírito Santo ainda nos fala. É possível ler a Escritura como uma Comunhão em nível mundial? (É possível dizer que está ou aquela é a leitura da Comunhão Anglicana?) Muitas vezes a reivindicação da autoridade bíblica para justificar uma posição usurpa a conversa e cria adversários. Como podemos sair disso e avançar para a conversa honesta uns com os outros a respeito do que a autoridade bíblica quer dizer? Quais orientações nos ajudarão a compartilhar a experiência, percepção e crítica mútua e mansa dentro da dinâmica flexível de interdependência?

Liturgia no Serviço de Interdependência

71. O Livro de Oração Comum é uma propriedade distinta da Comunhão Anglicana. É considerado característica do anglicanismo o ato semanal, se não diário, de louvor e intercessão na Eucaristia, a leitura regular dos Salmos e da Escritura na Oração da Manhã e da Tarde, mesmo quando não praticado em sua plenitude.

72. Em 1637 e mesmo antes, começou a ser reconhecido que a Liturgia deve oferecer sua oração e louvor com a linguagem, ordenamento da sociedade e cultura em que é celebrada. Através de décadas as Igrejas da Comunhão Anglicana engajaram-se na tarefa de alcançar esse fim, no geral, em colaboração com os pesquisadores de outras tradições cristãs. O progresso do estudo litúrgico e desenvolvimento dos Livros de Oração Comum são ricos e interessantes. Dentro da Comunhão, há uma variedade de liturgia, que compartilha as necessidades e aspirações de muitos povos.

73. Houve críticas da revisão litúrgica no sentido de que ela é um processo que ameaça a identidade e unidade da Comunhão. Algumas delas devem ser desconsideradas como superficiais e estreitas em sua perspectiva. Por exemplo, a noção de que a variedade na liturgia indica que jamais somos uma Comunhão numa só adoração ou que o Livro de Oração Comum da Igreja da Inglaterra do século litúrgica é uma forma adequada de expressão litúrgica para o mundo todo. Coisa assim não precisa ser assunto de conversação inter-anglicana. Todavia, existem questões legítimas.

74. Que é particularmente anglicana na liturgia? Existem limites legítimos para a revisão litúrgica anglicana? Quais são? Existe uma visão litúrgica anglicana implícita em nossas tradições que possam assumir formas novas e inesperadas? Na liturgia, em palavra e ato, oferecemos louvor jubiloso a Deus pela glória da criação e de nossa redenção. Trazemos diante do trono da graça a dor e a necessidade do mundo e a nossa fé viva e a expectativa de um futuro nas mãos de Deus. A nossa liturgia deve refletir a nossa percepção do futuro de Deus e de nossa gratidão pela obra salvífica. A revisão litúrgica representa os meios fidedignos de prover formas litúrgicas apropriadas para representar esse movimento para cada geração em mudança. As questões se referem à relação

dinâmica entre a liturgia e a crença e devem relacionar-se com a nossa conversação a respeito da Bíblia e teologia em uso anglicano.

75. A rica variedade da Comunhão Anglicana oferece, de novo, uma gama de recursos em que se possa ocorrer o processo de renovação e experimentação litúrgicas. Apesar da diversidade na Comunhão, a liturgia continua a ser os meios caracteristicamente anglicanos pelos quais a Igreja recebe uma nova visão, coragem e fortalecimento interior para as tarefas colocadas diante de nós.

As Estruturas Para a Unidade

76. Todavia, chegou o tempo para a Igreja reavaliar, tanto em nível local quanto em nível mundial de Comunhão, seus instrumentos de consulta e de tomada de decisão, de modo que o serviço mútuo e o compromisso com a missão de Cristo no mundo sejam transparentemente honrados e considerados.

77. Como numa sociedade secular, na Igreja, existe uma tensão entre as necessidades de um e de muitos. Diria a Igreja, isso é transformado, pela chamada a imitar a liderança de Cristo como Servo. Onde o amor reina há a sujeição mútua. São, todavia, múltiplas as possibilidades de distorcer essa profissão tanto pela instituição quanto pela conduta pessoal. Exemplos são bem conhecidos e o ideal de sujeição mútua é criticado não tanto como loucura e fraqueza mas muito mais como um ideal que, se pervertido, deixa suas vítimas indefesas. Os anglicanos têm respondido à capacidade humana de corromper instituições intrinsecamente boas pela tentativa de manter e desenvolver constantemente as estruturas conciliares da tomada de decisão, que tem sido essencial às igrejas em comunhão desde os tempos primevos.

78. Herdamos, também, dos tempos distantes um sistema de episcopado monárquico que supõe, que, na melhor das hipóteses, o bispo servirá aos interesses de muitos que compõem o rebanho de Cristo. Com esta compreensão herdada, as matérias decididas pela comunidade em sínodo deve receber o consentimento do bispo, que tem a responsabilidade final. Num mundo complexo, isso coloca numa só pessoa um fardo tremendamente pesado de compreensão e juízo em muitas áreas de competência. É, também, uma contradição supor que o bispo sozinho forja o modelo de liderança do servo. Algumas Províncias desenvolveram um modelo de bispo em sínodo com checagens e equilíbrios designados para proteger tanto o bispo quanto os fiéis do erro crasso, para reunir em amor e serviço mútuos as graças e especializações dadas a nenhum indivíduo por mais dotado de dons que seja e para modelar a liderança do servo na missão da Igreja ao mundo. Somos desafiados pela nossa experiência para examinar de novo os modelos de liderança na Igreja, em nível diocesano e paroquial e em nível provincial e para a Comunhão como um todo.

79. Por toda a Comunhão há uma grande variedade do papel e poderes atribuídos aos bispos diocesanos, das tarefas designadas aos sínodos e da posição de autoridade entre essas duas entidades. A nossa preocupação com a identidade e interdependência sugere que chegou o tempo de examinar as estruturas diocesanas de autoridade e tomada de decisão e a teologia que nelas está implícita a fim de identificar normas mutuamente aceitáveis de

procedimento e conduta. Quão profundamente em nossos diversos contextos culturais estamos influenciados pelos modelos seculares de governo? Os modelos sinodais que temos desenvolvido são "esse" da Igreja?

80. Todavia, pode ser mais fácil começar com o exame de nossas estruturas em nível nacional e internacional. Alguns trabalhos já foram feitos. As estruturas nacionais e internacionais construídos sobre os princípios de serviço mútuo e missão comum propiciará duas funções. A primeira e mais importante é o intercâmbio de informações e percepções, nas quais a conversação e argumentos possam continuar tanto quanto necessários sem institucionalizar divergência por meio geográfico ou por cisma. Segundo, o processo que permita à Comunhão discernir a vontade de Deus, alcançar a mente comum e falar com autoridade em pontos apropriados no processo da recepção. Para estabelecer essas duas funções devemos continuar a definir, na prática e reflexão, os papéis específicos dos três instrumentos de consulta e unidade, a relação entre eles, inclusive membresia sobreposta, e o papel do Arcebispo de Cantuária como seu presidente.

81. Essas reflexões evocam outras questões. Qual é a relação das estruturas provinciais com as estruturas universais? Qual é a natureza de sua autoridade e quão obrigatórias suas resoluções? Como o nosso compromisso ecumênico pode ser melhor refletido nos organismos universais? O princípio da "subsidiariedade" (decisões tomadas no nível inferior possível) é assumida amplamente na Comunhão? E como esse princípio se relaciona com a agenda e estilo dos organismos internacionais? Como a Igreja local se reúne para refletir a Igreja universal? A Igreja em nível universal honra a Igreja plenamente presente na Igreja local?

82. Este é um documento inacabado. Os membros da Consulta Teológica e Doutrinária Inter-Anglicana tentaram, nele, pintar o quadro de nossa situação presente, tanto os desafios quanto as oportunidades que enfrentamos bem como os dons que temos recebido e aonde eles pensam deveriam mover-se. Agora o documento aguarda os comentários, crítica criativa e a expansão por parte dos colegas na Comunhão antes que partamos juntos para o próximo estágio de conversação.

83. Os anglicanos se acostumaram a falar na autoridade dispersa dentro da Comunhão. Não empregamos essa frase neste documento, a sua realidade é honrada em cada seção. Há um apelo para a autoridade dispersa nos laços da interdependência. O ministério episcopal é incluída nos laços de interdependência, mas há também autoridade apropriada ao clero, ao laicato engajado na missão, adoração, e governo da Igreja. Observamos, outrossim, que a autoridade é dispersa entre as Províncias autônomas da Comunhão e governadas por elas mesmas. Existem outras três fontes de autoridade que se sobrepõem, mas que não são co-términas. Elas são a autoridade concedida aos líderes da Igreja por meio de eleição e designação ao ofício, autoridade inerente na competência profissional e, não menos, a autoridade de homens e mulheres que, pela oração, relações de amor e reflexão diária sobre a experiência, que crescem sábios na vida santa e exercem um papel profundamente profético na vida da Igreja.

84. Todas as fontes de autoridade devem ter suas funções para manter-nos interdependentes, fiéis a um só Deus, o autor e doador de todo o bem, de quem vem toda a autoridade, em última instância. Portanto, convidamos não só os arcebispos e bispos e as estruturas formais da Igreja a contribuírem, mas também indivíduos, grupos, clero e laicato, em posições formais e informais, os que estão engajados profissionalmente na tarefa teológica e todos os que amam a Igreja e se preocupam profundamente com a formação do povo de Deus e da missão de Cristo no mundo. O interesse pelas questões confere o direito de participar na conversação.

CONSULTA TEOLÓGICA E DOUTRINAL INTER-ANGLICANA

Seminário de Virginia, Alexandria, USA
8 a 18 de dezembro de 1991

Participantes

Convocador: Revm^o Robin Eames, Primaz de Irlanda e Arcebispo de Armagh

Sra. Khusnud Azariah, Igreja de Paquistão

Revm^o Fred Borsch, Bispo de Los Angeles, USA

Revm^o Peter F. Carnley, Arcebispo de Perth, Austrália

Revm^o Sggibo Dwane, Bispo da Ordem de Etiópia Igreja na África do Sul

Revm^o Drexel Gomez, Bispo de Barbados, Índia Ocidental

Dra. Frederica Harris Thompsett, Deã Acadêmica e Professora de História, EDS, USA

Revm^o Samuel Joshua, Bispo de Bombay, Índia

Revm^o Michael Keili, Bispo de Bo, Serra Leone

Rev. Dra. Patricia G.Kirkpatrick, Seminário Teológico Diocesano de Montreal, Canadá

Sr. Dallas Moore, Membro do Sínodo Geral, Nova Zelândia

Revm^o N. Okille, Bispo de Bukendi, Uganda

Rev. Dr. John Pobe, Programa de Educação Teológica, CMI, membro da Igreja da África Ocidental

Rev. Dr. David Scott, Seminário de Virginia, USA

Rev. Cônego Shedah Shedah, Igreja Episcopal em Jerusalem e Oriente Médio

Revmº Stephen Sykes, Bispo de Ely, Inglaterra

Revmº Sumio Takatsu, IEAB

Dra. Mary Tanner, Secretária, Conselho para a Unidade Cristã, Inglaterra

Sra. Elizabeth TEmpleton, Igreja Prsbiteriana da Escócia

Rev. Prof. David Tsukada, Deão e Professor da Universidade S.Paulo, Tokio, Japão

Rev. Dr. N.Thomas Wright, Corcester College, Oxford, Inglaterra